

A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL SOBRE ANTIGO EGITO NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA¹

Wanderson Alberto da Silva²

RESUMO:

Este trabalho apresenta algumas análises fílmicas e metodológicas no ensino de História do Antigo Egito, observadas em sala de aula e na utilização dos livros didáticos de História de maior tiragem nos últimos anos. As análises são oriundas de pesquisas historiográficas, da história do cinema e da experiência docente de mais de 30 anos de magistério na educação básica. Destaco a importância da produção audiovisual como fonte histórica para o ensino de História do Antigo Egito, seu uso (adequado ou não) e seu não uso, presente ou ausente nos materiais didáticos mais utilizados pelos professores na nossa contemporaneidade tecnológica. Em linhas gerais, apresento algumas análises de títulos de considerável relevância para o professor de História que utiliza ou pretende utilizar esse recurso tão rico que é a produção audiovisual do objeto de conhecimento Antigo Egito.

PALAVRAS-CHAVE: Antigo Egito; Cinema; Livro Didático; Ensino de História.

AUDIOVISUAL PRODUCTION ABOUT ANCIENT EGYPT IN HISTORY TEXTBOOKS

ABSTRACT:

This work presents some filmic and methodological analyzes in the teaching of History of Ancient Egypt, observed in the classroom and in the use of History textbooks with the largest circulation in recent years. The analyzes come from historiographical research, the history of cinema and the teaching experience of more than 30 years of teaching in basic education. I highlight the importance of audiovisual production as a historical source for teaching the History of Ancient Egypt, its use (appropriate or not) and its non-use, present or absent in the teaching

¹ Artigo construído a partir das discussões realizadas na minha dissertação, intitulada *História, a gente aprende vivendo: o ensino da história egípcia entre a prática em sala de aula e a Proposta Curricular do Novo Ensino Médio da Paraíba (2016-2021)*, defendida em 2023. Além disso, os debates sobre a prática de ensino de História e a utilização de produções audiovisuais foram aprofundadas na disciplina optativa *Tópicos Especiais em História e Historiografia I*, do PPGH-UFPB, ministrada pelo professor Dr. Rafael Morato Zanatto.

² Doutorando e Mestre em História pelo PPGH/UFPB; pesquisador do grupo Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista - GPSCNO (UFPB) e coordenador do ANKH – Grupo de Estudo e Ensino do Antigo Egito (DH/UFPB); pesquisador do Grupo de estudos "História, memória e educação na Paraíba"- RASTROS - PB (UEPB); e professor da rede pública estadual da Paraíba. wanderson.silva@academico.ufpb.br <http://lattes.cnpq.br/4462829770094323>

materials most used by teachers in our technological contemporary times. In general terms, I present some analyzes of titles of considerable relevance for the History teacher who uses or intends to use this rich resource that is the audiovisual production of the object of knowledge Ancient Egypt.

KEYWORDS: Ancient Egypt; Cinema; Textbook; Teaching History.

Introdução: A importância do audiovisual no ensino de História

A utilização de produtos audiovisuais como instrumento pedagógico na educação básica é pauta de inúmeros trabalhos acadêmicos, mas como a problemática em questão trata, especialmente, da temática do Antigo Egito no Livro Didático de História – LDH, escolhi iniciar este ensaio trazendo à tona a importância dos recursos audiovisuais como fonte histórica. Dessa forma, podendo analisá-los como “recurso didático no ensino de História [...], pois não podemos entender a história da sociedade humana a partir do século XX sem conhecer o cinema por ela produzido” (MEIRELLES, 2004, p. 79).

De fato, a revolução tecnológica do início do século XX, com o cinema e a variedade seguinte de recursos audiovisuais, promoveu transformações consideráveis no mundo da produção e do registro de sons e imagens em movimento, no espaço e no tempo, que possibilitaram novos alcances no processo de ensino e aprendizagem. Pois as Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs e os Recursos Educacionais Digitais – REDs, são considerados atualmente como componentes consolidados no ensino de História, assim como dos outros saberes. Para exemplificar, é importante destacar que na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, encontra-se a Habilidade de História, para o 4º ano (EF04HI08)³:

Identificar as transformações ocorridas nos meios de comunicação (cultura oral, imprensa, rádio, televisão, cinema, internet e demais tecnologias digitais de informação e comunicação) e discutir seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais (MEC, 2018).

³ Código alfanumérico que estabelece as competências e habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Por conseguinte, considero que “a aceitação do cinema como fonte histórica indica uma mudança de estatuto do historiador na sociedade” (MORETTIN, 2003, p. 21), podendo ir muito além das perspectivas geralmente pensadas inicialmente, e pelo recém egresso da graduação de um curso de bacharelado ou licenciatura. Tanto o historiador como o professor de história podem recorrer às produções audiovisuais como fontes de estudos históricos de um grupo social e de uma época específica. Pois, corroborando com Meirelles, “o filme é, também, um campo de estudo para o historiador analisar o passado no que diz respeito ao aparecimento de uma visão da história tal como a imaginação do futuro esboça-a” (2004, p. 82), além disso, segundo Edlene Oliveira Silva, “todo filme é uma fonte histórica, é sempre uma narrativa que nos informa sobre certa sociedade e sua visão de mundo” (2012, p.215).

Muito embora, é preciso atentar, como assevera Flávia Eloísa Caimi (2011), que é na utilização da produção audiovisual como documento histórico, que podemos

[...] entendê-los como marcas do passado, portadores de indícios sobre situações vividas, que contêm saberes e significados que não estão dados, mas que precisam ser construídos com base em olhares, indagações e problemáticas colocadas pelo trabalho ativo e construtivo dos alunos, mediados pelo trabalho do professor (CAIMI, 2011, p. 147).

Nessas discussões, introduzidas e mediadas pelo professor de História, as abordagens antes, durante e posterior à exibição fílmica, necessitam de preparação adequada a cada situação, temática e, principalmente, particularidades intrínsecas a cada turma de alunos. Lembrando sempre que a cada grupo de estudantes uma mesma exposição audiovisual pode gerar diferentes consequências, e o professor precisa estar atento a esses pormenores. Ou seja, “nessa perspectiva, a leitura de um filme em sala de aula deverá estar condicionada a um conhecimento prévio e sujeita à orientação bastante detalhada pelo professor.” (MEIRELLES, 2004, p.79).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Em vista disso, analisando o trabalho de Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues, autores do livro *Historiar, 6º ano: ensino fundamental, anos finais* (2018), foi possível perceber a preocupação com a condução do trabalho do professor, quando dispor dos recursos audiovisuais. Encontra-se no Manual do Professor, dessa mesma coleção – que somente os docentes têm acesso – o cuidado de incluir nas indicações de estudo do material didático, orientações para a análise fílmica:

Ao analisar um filme, em primeiro lugar, convém considerar que o autor (diretor) fez um recorte da realidade, observando-a de determinado ângulo e fazendo seleções. Para trabalhar esse tipo de fonte com os estudantes, apresentamos as seguintes orientações: observar os detalhes do filme [...], identificar o tipo do filme, [...]; elaborar uma ficha técnica com os dados básicos do filme [...]; pesquisar informações sobre o diretor [...]; analisar os elementos mais significativos em relação a aspectos como cenário [...], personagens [...], e temporalidade [...] (COTRIM; FERNANDES, 2018, p. 42).

Esse mesmo manual, no tópico 4 *Uso do livro e possibilidades de trabalho*, em 4.6 *Filmes*, é incluído o texto de José Manuel Morán, *O vídeo na sala de aula* (1995), apontando as possibilidades do que é, e não, adequado no uso audiovisual em sala de aula. Como inadequado, Morán, indica os *vídeos tapa-buracos*, como maneira de substituir a ausência de um professor; *videoenrolação*, que age como enganação de aula; *videodeslumbramento*, que por ter impressionado o professor, este quer usá-lo a todo momento; *videoperfeição*, é importante lembrar que até as ‘falhas’ são passíveis de estudo; *só vídeo*, sem construir relações com a temática da aula (COTRIM; FERNANDES, 2018, p. 43).

Em contrapartida, o Manual do Professor orienta algumas propostas de utilização, como:

começar por vídeos mais simples, para depois ir aos mais complexos; [...] vídeos como sensibilização; [...] vídeos como ilustração; como simulação, com experiências químicas perigosas ou o crescimento de uma planta; [...] como conteúdo direto de ensino, quando informa sobre um determinado tema específico, orientando a sua interpretação; [...] vídeos como produção de uma documentação, de uma intervenção ou como expressão [...] (MORÁN apud COTRIM; FERNANDES, p. 43-44).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

A partir da minha experiência, de longos anos de análise do livro didático de história, percebo que esse manual tem se destacado na cautela com a formação do professor, na sua preparação para o planejamento das aulas utilizando a produção audiovisual. No entanto, no material dedicado ao estudante, essa mesma coleção não apresenta nenhuma indicação de filmes para os estudantes no capítulo 6: *Egito antigo e reino de Cuxe*, o que considero um certo lapso dos autores, uma vez que as produções cinematográficas sobre o Antigo Egito são várias, como veremos a seguir.

Produções audiovisuais sobre o Antigo Egito

José Maria de Souza Neto (2019), em *Deuses do Egito (2016): uma narrativa fílmica da civilização branca*, e *Ensinando história antiga e medieval no Brasil: da inércia à poética* (2021), destaca a relação da utilização fílmica como recurso audiovisual em sala de aula e engendra uma importante reflexão sobre o currículo de História. Estes trabalhos discorrem sobre como o conhecimento acerca do Antigo Egito chega na sociedade contemporânea por meio de fontes históricas como o cinema e outras mídias.

Haja vista que o ensino de História e dos demais saberes não se concretiza apenas em sala de aula e no interior dos muros da escola, mas em uma relação de ensino e aprendizagem entre professor e aluno, ao historiador é essencial tratar as fontes audiovisuais como um documento histórico, pois “como todo produto cultural, toda ação política, toda indústria, todo filme tem uma história que é História, com sua rede de relações pessoais, seu estatuto dos objetos e dos homens” (FERRO, 1992, p. 17).

Nas últimas décadas, a influência do cinema, por exemplo, tem contribuído muito para a disseminação da história do Egito faraônico. Essa situação pode ser percebida desde o sucesso de *Cleópatra*, interpretada por Elizabeth Taylor, em 1963,

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

uma mulher branca com traços fisionômicos, nitidamente de ascendência europeia, fortalecendo o eurocentrismo, imposto e impregnado no mundo ocidental, pelo menos, desde o imperialismo do século XIX⁴.

Já os dois longas metragens, *A Múmia* (1999) e *Retorno da Múmia* (2001), do diretor Stephen Sommers, traz o sumo sacerdote Imhotep⁵ como um médico que é ressuscitado e procura desfazer uma maldição jurando o mal a toda a humanidade. Esses, são alguns dos filmes que replicam uma apropriação de fatos e personagens do Antigo Egito, distorcendo suas histórias reais para reforçar visões do imaginário, caracterizado pelo exotismo/mistério em torno daquela civilização.

Raquel Funari, no capítulo *O Egito em Sala de Aula*, da obra *Egiptomania: o Egito no Brasil*⁶ (2004), expõe a disseminação do Antigo Egito pelo cinema e outras mídias. Funari demonstra a importância do filme *O Príncipe do Egito*, um drama musical animado de 1998, produzido pela *DreamWorks Animation*, apontando as preocupações inovadoras no estudo da história da Antiguidade como “parte da construção de identidades e sensibilidades no ensino fundamental e médio” (2020, p. 3).

Concordo que esses filmes causam reações das mais diversas no público, desde a empolgação com as cenas de ação, até a melancolia nas cenas mais dramáticas. Há também reações sinestésicas como arrepios, sustos, risos e choros. Mas, o mais emocionante mesmo, é compartilhar com os olhos dos estudantes brilhando ao assistirem uma produção audiovisual de uma cultura milenar, que para

⁴ Essa abordagem foi apresentada como argumento de tese no projeto de doutorado do PPGH/UFPB, aprovado em 2024, intitulado *A Desafrikanização e a Reafrikanização do Antigo Egito: um olhar sobre os livros didáticos após a Lei 10.639/03*.

⁵ O filme *A Múmia*, uma das maiores bilheterias do final da década de 1990, fascinou uma legião de pré-adolescentes em todo o mundo ao exibir uma profusão de efeitos especiais, em que múmias, escaravelhos, sarcófagos e pinturas egípcias ganhavam vida na tela do cinema. Nas bancas de jornais, faraós e esfinges também ajudam a vender dezenas de publicações. (Funari, 2004, p. 147).

⁶ Raquel dos Santos Funari apresenta considerável discussão em seu trabalho *História Antiga e Ensino de História: História e Educação das sensibilidades, o caso do Príncipe do Egito* (2020).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

muitos, o simples fato de verem uma exibição no contexto histórico de uma aula, tem despertado o prazer pelo estudo.

Em igual medida, a autora afirma que as discussões em sala de aula sobre o Egito podem ser estimuladas, despertando o interesse dos pré-adolescentes, “com filmes, desenhos animados, revistas em quadrinhos, programas de televisão a cabo e canais comerciais” (FUNARI, 2004, p. 3-4). Prefiro acrescentar que, atualmente, dispomos de um incontável número de materiais audiovisuais pelo fácil e rápido acesso à internet, com uso de inúmeros aplicativos e canais, como o YouTube ou demais *streams* disponíveis no mercado.

Assim como o cinema, outros meios de comunicação de grande disseminação pública contribuíram para o contato contemporâneo com a arte, a história e a cultura da sociedade nilota⁷. Como exemplo dessa disseminação, cito as telenovelas da TV Record: *José do Egito* (2013), *Os Dez Mandamentos* (2015-2016), *A Terra Prometida* (2016-2017) e *Gênesis* (2021). Vale ressaltar que essas novelas têm um cunho mais religioso, tendo como inspiração as histórias escritas na Bíblia, que acabam por levar o público a acreditar que a história se passou “exatamente” daquela maneira que é narrada em tela.

Nessas minisséries e telenovelas, não é o caso apenas de inverdades estéticas como as pinturas de hieróglifos aleatórios dos cenários, como as vestimentas femininas decotadas e suas cores exuberantes, mas até “infidelidades” aos relatos bíblicos. E, quando questionados sobre a veracidade das fontes históricas que se pautaram para tais construções, procuram justificar com a tão famosa e escorregadia saída da “liberdade poética”. A exibição em TV aberta, em horário nobre, de uma emissora “pertencente ao bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo, a Rede Record”, tem certamente, algumas intenções, como “vender ideias e evangelizar, sem compromissos éticos,” portanto, “(...) temos aqui um problema

⁷ Termo utilizado para se referir ao povo que habita às margens do rio Nilo.

além da representação, e sim um problema que abrange o campo da mnemohistória que se quer legitimar, e que possui implicações políticas e sociais seríssimas.” (SAGREDO, 2015, p. 4-9).

Também é possível estimular o interesse do público da educação básica sobre a temática em questão com a exibição de animações em sala de aula, como por exemplo: *Os Jovens Titãs em Ação*, da Cartoon Network (Ep.25, Temp. 3, 2016); *Scooby-Doo, Entrando na Tumba da Múmia* (2003); *Scooby-Doo, Cadê minha Múmia?* (2005); *Scooby-Doo da Playmobil, As Aventuras no Egito* (2020). No entanto, essas produções costumam reforçar o exotismo que perdura desde o século XIX, como maldições e mistérios envolvendo múmias, esfinges e pirâmides.

Muitos jogos populares contribuem para a disseminação de elementos do Antigo Egito, como *Minecraft: Scooby-Doo, A Múmia do Egito*, da série *Minecraft Machinima* (Episódio 7). E não posso deixar de mencionar a *Egyptian Melodies*, que é um curta- metragem animado da *Silly Symphonies*, de 1931, produzido por Walt Disney e dirigido por Wilfred Jackson, que inspirou futuras gerações.

Especificamente sobre o filme *Deuses do Egito* (2016), do diretor Alex Proyas, o historiador Souza Neto (2019, p. 20), aponta que “o cinema tem sido, desde as primeiras décadas do séc. XX, um poderoso construtor de consciência histórica” e, mesmo que as produções sejam claramente obras de ficção, enunciadas pelos seus respectivos autores, essa mesma inveracidade pode, para muitos, significar “verdade” histórica antepassada.

Nesse caso, existe o perigo de fazer mal uso do cinema como instrumento de formação imagética no âmbito educativo, já que neste longa-metragem, há claramente o reforço do discurso eurocêntrico, com personagens principais (humanos e deuses), em sua maioria, brancos dominadores, detentores do saber, do poder sobre toda a sociedade. Ou seja, “exibe uma imagem do Egito repleta de elementos imperialistas e racistas, que precisam ser debatidos pelos profissionais de

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

história” (SOUZA NETO, 2019, p. 20). Além disso, “[...] dos mais comerciais e descomprometidos, aos mais sofisticados e ‘difíceis’, os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar” (NAPOLITANO, 2003, p. 12). E porque não, desenvolver uma consciência crítica nos estudantes sobre a formação cultural imperialista pós-napoleônica do Egito?

Desta feita, o professor Marcos Napolitano, em *Como usar o cinema na sala de aula* (2003), orienta que

(...) tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar. Este é o desafio (2003, p. 15).

Diante dessa colonialidade construída historicamente, que precisa ser transgredida, volto o olhar, especificamente, para o ensino de história do Antigo Egito, que nos primórdios da Egíptologia, foi arbitrariamente extraído de seu contexto africano: antropologicamente, culturalmente e geograficamente (SAGREDO, 2023, p. 261). E, sendo metodologicamente problematizado em um aporte decolonial, o desafio perene recai nos docentes e estudantes para que consigam reconhecer nas representações midiáticas, como no cinema, nos livros didáticos e no próprio imaginário, a “relação direta com conjunturas históricas específicas que geraram conhecimento e conceberam a Antiguidade egípcia” (SAGREDO, 2023, p. 254).

Para o desenvolvimento dessas e de outras leituras e audiências críticas, cabe aos professores, ao utilizarem os LDH, orientarem também os estudantes quanto ao uso de materiais audiovisuais referentes às temáticas trabalhadas, mesmo que estes não venham sugeridos naqueles. Ainda assim, muitos materiais didáticos que sugerem ao leitor a apreciação de filmes, documentários, séries e outros meios, indicam-nos como possibilidade de aprofundamento de estudos, ou uma maneira de

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

ilustrar os conteúdos contidos no corpo textual do LDH. É preciso ressaltar que mesmo que o LDH faça a indicação de uma produção audiovisual no *Box* de término do capítulo, ou em abas de orientação, como a título de curiosidade para o estudante, esse material pode contribuir positivamente para a busca de saberes diversos em cada espectador.

Indicações audiovisuais sobre Antigo Egito nos LDH

Em virtude da brevidade deste trabalho, parto da observância apenas de alguns livros do 6º ano do Ensino Fundamental, por se tratar da série em que os estudantes têm como objeto de conhecimento, o Antigo Egito. Além disso, escolhi os LDH entre as coleções aprovados no PNLD 2022 e as mais vendidas em todo o território nacional⁸, como pode ser observado no gráfico mais adiante.

Ao analisar o livro da Editora Moderna, de maior tiragem em 2022, como pode ser visto na figura abaixo, nota-se que na coleção *Superação! História*, do 6º Ano do Ensino Fundamental, não há nenhuma indicação de filmes ou documentários ou séries sobre o Antigo Egito, contendo somente em uma aba lateral ao texto principal, chamada de *Algo a mais*, uma indicação de visita virtual aos museus Egípcio e Rosacruz e Tutankhamon:

Algo a mais

Caso considere relevante, organize um momento para fazer um *tour* virtual com os alunos no *link* a seguir. > *Museus Egípcio e Rosacruz e Tutankhamon*. Disponível em: <https://tourvirtual360.com.br/rosacruz/>. Acesso em: 17 maio 2022 (MINORELLI; CHIBA, p. 91, 2022. Grifos do autor).

⁸ Tabela analisada em detalhes na argumentação de tese de doutorado. Dados extraídos do site oficial do Fundo Nacional do Desenvolvimento Educação. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/dados-estatisticos>. Acesso em jul. 2024.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Da mesma editora, no livro, *Araribá Conecta História, 6º ano*, encontra-se no fim da página 107, a aba *Sugestão para o estudante*, a indicação de um *podcast*, *HISTÓRIA em meia hora: Egito Antigo*. O episódio relata “aspectos importantes na história do Egito Antigo, como a construção das pirâmides e o reinado de diversos líderes. Desenvolvido pelo professor de História, Vítor Soares⁹” (ANTONELLI, 2022, p. 107). Já na página 110, desse mesmo material, em *Sugestão para o estudante*, há uma reportagem em vídeo, “sobre a pesquisa desenvolvida para obter o som da voz da múmia do sacerdote egípcio Nesyamun. Na matéria, é possível ouvir a reprodução do som”¹⁰ (ANTONELLI, 2022, p. 110).

É importante ressaltar que o livro de maior tiragem em 2022, em todo o território nacional, no capítulo que trata do objeto de conhecimento Antigo Egito, não apresenta sugestões de filmes, séries, animações e outras produções audiovisuais, exceto o documentário e o *tour* virtual a um museu, citados acima. E, como já foi apresentado alguns exemplos de produções que podem servir de aparato de cunho pedagógico, que auxiliam o professor na contextualização de conteúdos e interdisciplinaridades, considero que esse vácuo precisa ser preenchido nos materiais didáticos a serem produzidos posteriormente.

⁹ Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/4J4abbHQeE4dmZ9LpUDWeT?si=142f2ff51a3f48e8>. Acesso em: 15 abr. 2022. (Moderna, 2022, p. 107).

¹⁰ *BBC News Brasil*, São Paulo, 24 jan. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51233905>. Acesso em: 18 abr. 2022.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 1 - Valores adquiridos pelas editoras na venda dos livros didáticos

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO			
Programa Nacional do Livro e do Material Didático			
PNLD 2020 - Reposição Ensino Fundamental - Anos Finais para 2022			
Valores Negociados por editora (livros impressos)			
Editora	Páginas	Tiragem Total	Valor Total
RICHMOND EDUCACAO LTDA.	2.264	1.003.653	R\$ 12.436.801,58
EDITORIA MODERNA LTDA	16.056	7.480.806	R\$ 86.664.928,51
SARAIVA EDUCACAO S.A.	9.600	2.092.774	R\$ 33.229.087,90
QUINTETO EDITORIAL LTDA	2.096	525.715	R\$ 7.680.999,47
IBEP - INSTITUTO BRASILEIRO DE EDICOES PEDAGOGICAS LTDA	1.872	1.218.402	R\$ 15.403.805,09
EDITORIA SCIPIONE S.A.	2.952	648.898	R\$ 10.409.294,84
EDITORIA FTD S A	9.664	6.038.539	R\$ 63.815.284,84
EDITORIA DO BRASIL SA	7.184	1.415.744	R\$ 18.672.157,51
EDITORIA ATICA S.A.	6.176	3.596.758	R\$ 39.501.098,97
EDICOES SM LTDA.	11.584	1.873.332	R\$ 27.150.959,34
TOTAL-GERAL		25.894.621	R\$ 314.964.418,05

Fonte: dados do PNLD/FNDE 2022.

Um dos livros de maior aceitação nas escolas é do autor Alfredo Boulos Júnior, intitulado *História, Sociedade & Cidadania*, da Editora FTD SA, que apresenta a temática em questão, no *Capítulo 4 Egito e Kush*. Mais precisamente no tópico *A religiosidade*, é destacada a aba *DICA!*, que sugere aos estudantes a apreciação do “documentário sobre as mulheres faraós no Egito. *MULHERES faraós. Parte 1*. 2015. Vídeo (5min54s). Publicado pelo canal Antigo Egito”¹¹ (BOULOS JÚNIOR, 2022, p.81).

Nesse mesmo livro, no final do capítulo, no tópico *III. Leitura e escrita em História*, na página 98, apresenta a imagem de Cleópatra, interpretada pela atriz Elizabeth Taylor, em 1963, comparando-a com o busto esculpido por um artista da época da Roma Antiga e uma imagem em 3D, produzida por computação gráfica, com feições nitidamente negroides, de autoria da egiptóloga Sally Ann Ashton, em 2008. No entanto, nada é comentado sobre produções cinematográficas a respeito desta, que foi a última rainha do Antigo Egito.

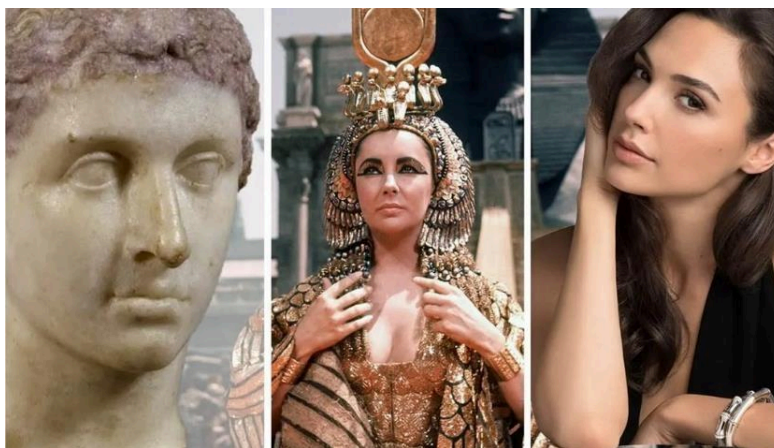
¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CZyrxtURjGg>. Acesso em: 19 jul. 2022.

Análise fílmica de algumas produções

um filme pode abrigar leituras opostas acerca de um determinado fato, fazendo desta tensão um dado intrínseco à sua própria estrutura interna” (MORETTIN, 2003, p. 15)

Nesse sentido, podemos ser mais exigentes e levantar críticas pela escolha da atriz branca, nascida em Israel, Gal Gadot, (*Mulher Maravilha*, 2017 e 2020), para protagonizar o novo filme sobre Cleópatra¹² que será lançado em 2024/2025. Assim que exibido e alcançar o grande público, a temática *Whitewashing*¹³ precisa ser levada ao debate em sala de aula pelo professor de história, que pode levantar questões como: Cleópatra não era egípcia? Então não deveria ser interpretada por uma atriz afrodescendente? Ou Cleópatra era de ascendência macedônica? E, mesmo o sendo, não deveria ter traços fisionômicos próximos dessa etnia?

Figura 2 - Imagens de interpretações de Cleópatra



¹² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/10/entenda-por-que-gal-gadot-ser-a-cleopatra-nao-ofende-os-arabes.shtml>. Acesso em: 29 out. 2022.

¹³ A tradução imediata seria “branqueamento”, uma vez que *washing* é o ato de lavar algo. Como se as produções audiovisuais estivessem sendo lavadas, com pessoas brancas, como uma forma de violência simbólica, excluindo a possibilidade de etnias não caucasianas de atuarem nessa indústria. Extraído de <https://canaltech.com.br/entretenimento/o-que-e-whitewashing-185696/>

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Fonte: Detalhe do Busto de Cleópatra, 40-30 a.C, no Museu Antigo (Altes Museum), Museus Estatais de Berlim (Staatliche Museen zu Berlin), via Google Art and Culture (esquerda); Elizabeth Taylor como Cleópatra, 1963, via Times of Israel (centro); e Retrato de Gal Gadot, via Glamour Magazine (à direita).

Para a cultura predominantemente árabe no atual Egito, talvez não seja um problema a escolha da atriz Gal Gadot, uma vez que também existe a possibilidade de seu parentesco com Seleuco I, romano “que manteve sob seu mando a Síria e a Mesopotâmia, o atual Iraque¹⁴.” Mas, sabemos que para o cinema ocidental, a atriz de Hollywood atrai muito mais os holofotes e arrecadação de bilheteria do que qualquer outra de evidência árabe que pudesse ser escolhida para o papel. Há décadas, principalmente nas produções hollywoodianas, tem-se o costume de selecionar atores e atrizes brancos para atuarem em papéis que deveriam ser interpretados por outras etnias. A veracidade étnica não é respeitada, contribuindo para uma permanência do personagem branco como *o herói, o superior, o provido de mais talento e habilidades*, justificando assim, intencionalmente ou não, sua suposta superioridade. “Reflexo desse processo pode ser percebido no tipo de discurso que é reproduzido, ainda hoje, nos livros didáticos e nas salas de aulas” (SILVA, 2024, p. 370).

Outra produção que pode ser bem aproveitada pelo professor de História é o filme *10.000 Antes de Cristo*, de 2008, dirigido por Roland Emmerich, principalmente pelas suas incongruências históricas. A narrativa acompanha um personagem, que é um jovem de uma tribo caçadora de mamutes, que ao perceber que sua amada foi raptada, decide encontra-la, percorrendo muitos lugares desconhecidos e chegando até o Egito, no tempo da construção das grandes pirâmides, o que contou com a força motriz de mamutes e de muitos povos escravizados.

Há pelo menos duas décadas os livros didáticos procuraram atualizar as informações acerca daqueles trabalhadores que construíram as pirâmides,

¹⁴ Para maiores esclarecimentos, ver o artigo: *Des-orientar Cleópatra: um tropo moderno da identidade*, de Ella Shohat (2004).

procurando erradicar a antiga teoria de que foram os escravizados os responsáveis pela força de trabalho braçal na edificação dos monumentos faraônicos¹⁵.

Tyldesley (2005), quanto à construção da pirâmide escalonada de Sakara, explica que o faraó

Djoser não enfrentava escassez de mão-de-obra – durante a estação das cheias, poderia convocar todo camponês sadio no Egito, se assim o desejasse – e era apenas o ritmo de fornecimento dos blocos que limitaria suas ambições de construção (TYLDESLEY, 2005, p. 122).

Nesse mesmo livro, intitulado *Pirâmides: a verdadeira história por trás dos antigos monumentos do Egito*, no capítulo 10 *Os Construtores de Pirâmides*, a autora contesta a imagem, que atravessou toda a Idade Moderna e foi reforçada pelo cinema da Contemporaneidade, de que a pirâmide de Quéops (Khufu) foi um trabalho de milhares de escravos.

[...] isso é errado por dois motivos. Khufu não tinha um vasto conjunto de escravos à sua disposição e, ainda que o tivesse, não haveria como 100 mil pessoas pudessem trabalhar, simultaneamente, no sítio da construção e na respectiva pedreira. [...] Os muitos milhares de trabalhadores manuais temporários, aqueles que visitavam Giza para trabalhar um turno de três ou quatro meses antes de voltar para casa, eram alojados em ambientes menos confortáveis, em um acampamento temporário ao lado da cidade das pirâmides (TYLDESLEY, 2005, p. 194).

O professor de História deve levar em consideração tanto os filmes aclamados pela crítica como apoiadores das comprovações científicas, quanto aqueles que apresentam distorções simples ou gritantes, como *10.000 Antes de Cristo*. O importante é deixar registrado que qualquer que seja a produção audiovisual

¹⁵ No livro ***História: escola e democracia***, da Editora Moderna, encontramos que os camponeses eram “obrigados a trabalhar, sem nenhuma remuneração, nas obras públicas do Estado” (CAMPOS; CLARA; DOLHNIKOFF, 2019, p. 97). No material do SAS, o ***Pré-Universitário: História, Livros 1 e 2***, explica que “A arquitetura, com a sua grandiosidade e monumentalidade, demonstra a força do Estado egípcio em obrigar milhares de camponeses a trabalhar em construções funerárias ou templos” (PINHATA, 2022, p. 42).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

sugerida no LDH, precisa ser estudada previamente e, não apenas assistida. Haja vista que alguns fatores devem ser levados em consideração na escolha dessas produções para fins pedagógicos, como: a relação direta com os conteúdos a serem trabalhados; a consonância entre nível etário da produção e do estudante, a complexidade cognitiva e a estrutura física e operacional para a exibição em turma ou na própria casa do estudante.

Considerações Finais

O artigo teve como ponto de partida o estudo sobre a história do cinema e das produções audiovisuais acerca do objeto de conhecimento Antigo Egito, e como este é trabalhado em sala de aula a partir do LDH. Constatou-se que há uma enorme carência de indicações de títulos fílmicos e das mais variadas mídias existentes, no grande número de coleções no mercado do livro didático.

Essa carência de sugestões de produtos audiovisuais evidencia-se como uma necessidade nos materiais didáticos que contemplem os conteúdos abordados nos LDH. A partir do que foi analisado, penso que se a cada unidade ou capítulo de livro, trazer pelo menos um *link* de acesso direto (em caso de livro digital) ou sugestões de filmes, documentários, séries, e outros meios, será dado um passo largo na aprendizagem da infância e da juventude que vive “de olho na tela”. Se essa carência for suplantada, pode atrair, ainda mais, o interesse dos estudantes e ajudá-los a consolidar certos objetos de conhecimento. Afinal, “o livro didático é ainda o principal instrumento dos professores” (SILVA, 2024, p. 6) e, em muitos casos, pode ser o único livro na casa de um aluno, em gerações.

Se, no material escolar que o estudante manuseia diariamente, encontrar as fontes históricas que o conduzam a *ver* e a *ouvir* sobre cada época e espaço da história da humanidade, orientados criticamente pelo seu professor de História, inclusive despertando ou aumentando o interesse pela produção audiovisual. Poderão, ainda, descobrir as várias profissões e possibilidades de trabalhos paralelos

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

que compõem o mundo da *película*. Os estudantes adentrando no processo cinematográfico podem desenvolver técnicas e estudos específicos utilizando-se inicialmente dos seus próprios *smartphones*, tão comuns hoje em dia, e para muitos, quase como um componente “celular” do próprio corpo.

Dessa maneira, é possível alargar um pouco sobre a complexidade do processo de produção, como chama a atenção Rafael Morato Zanatto (2013):

Considerando o processo de produção cinematográfica centralizado nos produtores, diretores e roteiristas, sem se esquecer de compreender o complexo técnico como um todo, produzido coletivamente, Kracauer entende que o filme em seu processo de **produção depende do esforço comum**, de adaptações, improvisos ou mesmo palpites, o que consiste em demonstrar que a evolução das técnicas de produção depende das **possibilidades materiais** (ZANATTO, p. 102, 2013. Grifos meus).

Sendo assim, é preciso incluir nesse “esforço comum” o papel do professor de História e, nas “possibilidades materiais”, mesmo com distorções cinematográficas ou nas demais mídias de exibição pública, o Egito. Trazido à tona para um número imensurável de espectadores, com indicações em materiais didáticos que chega, direta ou indiretamente ao estudante, através do livro, instrumento que ele leva da escola para casa e vice-versa.

REFERÊNCIAS

- ANTONELLI, Maria Clara. **Araribá conecta história**: 6º ano: manual do professor. 1. ed. Editora Moderna, São Paulo: 2022.
- BAKOS, Margaret (Org.). **Egiptomania**: o Egito no Brasil. São Paulo: Paris Editorial, 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação (MEC). **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em jul. 2024.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História sociedade & cidadania**: 6º ano: ensino fundamental: anos finais. 1ª ed. Editora FTD SA. São Paulo: FTD, 2022.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

CAIMI, Flávia Eloísa; LAMBERTI, Mayara Hemann; FERREIRA, Mariluci Melo. **O cinema como fonte histórica na sala de aula.** Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História - Florianópolis/SC: 2011.

CAIMI, Flávia Eloísa. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar? **Anos 90**, v. 15, n. 28, p.129-150, Porto Alegre: dez. 2008.

CAMPOS, Flávio de; CLARO, Regina; DOLHNIKOFF, Miriam. **História: escola e democracia.** São Paulo: Editora Moderna, 2019.

COTRIM, Gilberto. RODRIGUES, Jaime. **Historiar, 6º ano: ensino fundamental, anos finais.** 3. Ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

FERRO, Marc. **Cinema e História.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FERRO, Marc. **História: novos objetos.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

FUNARI, Raquel dos Santos. **Imagens do Egito Antigo: Um estudo de representações históricas.** Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MEIRELLES, William Reis. O cinema na história. O uso do filme como recurso didático no ensino de história. **História & Ensino**, v. 10, p. 77-88, Londrina: out. 2004.

MENDES, Sandra Regina. FERNANDES, Fabiana de Marinho. **Livros didáticos e o uso de filmes no ensino de História: Análises das propostas metodológicas sugeridas aos professores.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo: 2011

MINORELLI, Caroline; CHIBA, Charles. **Superação! História 6º ano: manual do professor.** 1. ed., São Paulo: Editora Moderna, 2022.

MORETTIN, Eduardo Victorio. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. **História: Questões e Debates**, n. 38, p. 11-42. Editora UFPR, Curitiba: 2003.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2003.

PINHATA, João Eduardo Watambe. **Livro Integrado: Pré-Universitário: 3ª Série.** Fortaleza: Sistema Ari de Sá de Ensino, 2022.

SHOHAT, Ella. Des-orientar Cleópatra: um tropo moderno da identidade. **Cadernos Pagu** (23), julho-dezembro de 2004, pp. 11-54

SILVA, Edlene Oliveira. **O cinema na sala de aula: imagens da Idade Mediana filme.** História: Questões e Debates. Nº 57 – Curitiba: Editora UFPR, 2012.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

SILVA, Wanderson Alberto da. As contribuições oitocentistas na egiptomania e no ensino de História na Paraíba. In MENEZES DE SÁ, Ariane Norma de; BURITY, Luiz Mário; MARIANO, Nayana R. C. (Orgs.) **Sociedade e cultura no Nordeste Oitocentista: trajetórias de pesquisa III**. João Pessoa: Editora CCTA/UFPB, 2024, p. 370-388.

SILVA, Wanderson Alberto da. O ensino do Antigo Egito na Paraíba: uma perspectiva do professor de História sob as lentes da Proposta Curricular. **II Encontro Ensinar História**. UFPE, Recife: 2023.

SILVA, Wanderson Alberto da. **História, a gente aprende vivendo**: o ensino da história egípcia entre a prática em sala de aula e a proposta curricular do novo ensino médio da Paraíba (9016-1021). Dissertação, PPGH/UFPB. João Pessoa, 2023.

SOUZA NETO, José Maria Gomes de. Deuses do Egito (2016): uma narrativa fílmica da civilização branca. **Transversos: Revista de História**. Rio de Janeiro, n. 16, Agosto, 2019.

SOUZA NETO, José Maria Gomes de. Ensinando História Antiga e Medieval no Brasil: da inércia à potência. **Brathair** Grupo de Estudos Celtas e Germânicos, 21 (1), 2021.

TYLDESLEY, Joyce. **Pirâmides**: a verdadeira história por trás dos antigos monumentos do Egito. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2005.

ZANATTO, Rafael Morato. **Luzes e sombras**: Paulo Emilio Salles Gomes e a Cultura Cinematográfica (1954-9). Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História – Faculdade de Ciências e Letras/Unesp. – Assis, 2013.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade